

O ANJO DAS DONZELLAS

— CONTINUAÇÃO E FIM —



Cecília chegou aos trinta e tres annos. Já não era a idade de Julieta, mas era uma idade ainda poetica; poetica n'este sentido — que a mulher, em chegando a ella, tendo já perdido as illusões dos primeiros tempos, adquire outras mais solidas, fundadas na observação.

Para a mulher d'essa idade o amor já não é uma aspiração do desconhecido, uma tendencia mal exprimida; é uma paixão vigorosa, um sentimento mais eloquente; ella já não procura a esmo um coração que responda ao seu; escolhe entre os que encontra um que possa comprehendê-la, capaz de amar como ella, proprio para fazer essa doce viagem ás regiões divinas do amor verdadeiro, exclusivo, sincero, absoluto.

N'essa idade era ainda bella. E pretendida. Mas a belleza continuou a ser um thesouro que a indiferença avarenta guardava para os vermes da terra.

Um dia, longe dos primeiros, muito longe, a primeira ruga desenhou-se no rosto de Cecilia e alvejou um primeiro cabello. Mais tarde, segunda ruga, segundo cabello, e outras e outros, até que a velhice de Cecilia declarou-se completa.

Mas ha velhice e velhice. Ha velhice feia e velhice bonita. Cecilia era da segunda especie, porque através dos signaes evidentes que o tempo deixara

n'ella, sentia-se que fôra uma creatura formosa, e, embora de outra natureza, Cecilia inspirava ainda a ternura, o enthusiasmo, o respeito.

Os fios de prata que lhe servião de cabellos emmolduravão-lhe o rosto rugado, mas ainda suave. A mão, que tão linda era outr'ora, não tinha a magreza repugnante, mas era ainda bella e digna de uma princeza... velha.

Mas o coração? Esse atravessára do mesmo modo os tempos e os successos sem nada deixar de si. A isenção foi sempre completa. Lutava embora contra não sei que repugnancia do vacuo, não sei que horror da solidão, mas n'essa luta a vontade ou a fatalidade vencia sempre, triumphava de tudo, e Cecilia pôde chegar á adiantada idade em que a achamos sem nada perder.

O anel, o fatidico anel, foi o talisman que nunca a abandonou. A favor d'esse talisman, que era a assignatura do contracto celebrado com o anjo das donzellas, ella pôde ver de perto o sol sem se queimar.

Tinhão-lhe morrido os pais. Cecilia vivia em casa de uma irmã viuva. Vivia dos bens que recebêra em herança.

Que fazia agora? Os pretendentes desertarão, ou outros envelhecêrão também, mas ião ainda por lá alguns d'elles. Não para requestal-a de certo, mas para passar as horas ou em conversa grave e pausada sobre cousas sérias, ou á mesa de algum jogo innocente e proprio de velhos.

Não poucas vezes era assumpto de conversação geral a habilidade com que Cecilia conseguira atravessar os annos da primeira e da segunda mocidade sem empenhar o coração em nenhum laço de amor. Cecilia respondia a todos que tivera um segredo poderoso do qual não podia fazer communicação alguma.

E n'estas occasiões olhava amorosamente para o anel que trazia no dedo ornado de uma bella e grande esmeralda.

Mas ninguem reparava n'isto.

Cecilia gastava horas e horas da noite em evocar a visão dos quinze annos. Quizera achar conforto e confirmação ás suas crenças, quizera ver e ouvir ainda a figura magica e a voz celeste do anjo das donzellas.

Parecia-lhe, sobretudo, que o longo sacrificio que consummára merecia, antes da realisação, uma repetição das promessas anteriores.

Entre os que frequentavão a casa de Cecilia alguns velhos havia dos que, na mocidade, tinhão feito roda a Cecilia e tomado mais ou menos seriamente as expressões de cordialidade da moça.

Assim que, agora que se encontravão nas ultimas estações da vida, mais de uma vez a conversa tinha por objecto a isenção de Cecilia e as infelicidades dos adoradores.

Cada um referia os seus episodios mais curiosos, as dôres que sentirá, as

decepções que soffrêra, as esperanças que Cecilia esfolhára com impassibilidade cruel.

Cecilia ria ouvindo essas confissões, e acompanhava os seus adoradores de outr'ora no terreno das facecias que as revelações mais ou menos inspiravam.

— Ah! dizia um, eu é que soffri como poucos.

— Sim? perguntava Cecilia.

— É verdade.

— Conte lá.

— Olhe, lembra-se d'aquella partida em casa do Avellar?

— Foi ha tanto tempo!

— Pois eu me lembro perfeitamente.

— Que houve?

— Houve isto.

Todos se prepararão para ouvir a narração promettida.

— Houve isto, continuou o ex-adorador. Estavamos no baile. Eu, n'esse tempo, era um verdadeiro pintalegrete. Envergava a melhor casaca, esticava a melhor calça, derramava os melhores cheiros. Mais de uma dama suspirava em segredo por mim, e ás vezes nem mesmo em segredo...

— Ah!

— É verdade. Mas qual é a lei geral da humanidade? É não aceitar aquillo que se lhe dá, para ir buscar aquillo que não poderá obter. Foi o que fiz.

. Le bonheur, c'est la boule
Que cet enfant poursuit tout le temps qu'elle roule,
Et que, dès qu'elle arrête, il repousse du pied.

— Bravo!

— Vamos á historia!

— Estavamos no baile. Já duas senhoras tinham-se retirado para o camarim afim de evitar algum desmaio. Porque? Que fazia eu? Eu derramava aos pés de D. Cecilia uma torrente de madrigaes, dizia-lhe do melhor modo possivel que a belleza d'ella tinha-me inspirado um amor profundo e decisivo. Ella não prestava aos meus discursos senão uma attenção indifferente. Isto desesperava. Insistia, repetia, pedia-lhe quasi o coração. Ella nada. Emfim offereci-lhe o braço. Percorrêmos algumas salas. D. Cecilia estava divina de graça, de belleza, e até... de indifferença. Se fosse a indifferença sómente bem estava, mas houve mais...

— Houve mais?

— Houve. Houve desengano. Eu disse-lhe que a amava perdidamente; ella

respondeu-me positivamente que não me podia amar. Quasi cahi. Não lhe disse mais nada e voltámos para a sala.

— Não me lembro d'isso, observou Cecilia.

— Lembro-me eu que fui a victima. O algoz...

— A' ordem! á ordem! clamárão os ouvintes.

O narrador continuou :

— Deixei D. Cecilia na sala e sahi. Fui para o jardim. Desesperado, cuidei que o ar e a solidão me aplacassem o animo. Vi através da rama de uns arbustos um ponto de luz. Era um charuto ao que me parecia, e com o charuto um homem. A noite estava escurissima. Caminhei para o lugar em que me parecia estar o homem e o charuto. Pedi fogo e vi que o charuto me entrava nas mãos. Acendi um charuto e agradei. A minha voz foi conhecida pelo meu interlocutor e eu proprio reconheci na voz que me fallava um rapaz que eu conhecêra nos salões.

— Abrevie a historia!

— Apoiado!

— É simples. Conteí ao meu interlocutor os motivos da minha presença, e estava calmo, esperando algumas palavras de consolação, quando me senti agarrado. Procurei defender-me e lutámos durante alguns minutos, ao som de uma polka que se executava no interior da casa. Todos comprehendem o caso. O meu adversario era pretendente ao coração de D. Cecilia; estava, como eu, desconsolado. Lutámos, como disse. Nunca mais nos fallámos.

— Nunca mais?

— Nunca mais.

— Não me lembro de nada, nem me constou nada n'este sentido, disse Cecilia.

— Eu nunca disse nada a ninguem.

Fôra escrever dous volumes repetir os episodios tragicos, ou comicos, ou patheticos, que os ex-adoradores de Cecilia trazião para a conversação.

Em uma d'essas praticas intimas, singelas, trouxe um criado uma carta para Cecilia. Era de Tiburcio.

Quem era Tiburcio? Era o primo de Cecilia que partira da côrte na noite em que Cecilia fizera o contracto mysterioso para independencia do coração.

Tiburcio partira moço e voltou velho. Nunca dera signal de si. Não se sabia onde andava nem que fazia.

Tiburcio escrevia de S. Paulo. Dizia que dentro de oito dias estaria na côrte. E dahi a oito dias chegou.

A carta dizia :

« Minha prima. — Dentro de oito dias lá estarei. Vai apparecer-lhe um velho. Ha que tempo de lá sahi!

« Andei secca e meca. Ganhei, perdi, tornei a ganhar, e a experiencia me servio, porque o que ganhei conservo agora e não tenho idéa, nem animo de perdê-lo outra vez.

« Que é feito de nossa familia? Eu de nada sei. Não procurei ninguem, não escrevi; acho que fizeram bem em me não escreverem. Com ingrato, ingrato e meio. Mas eu hei de provar que não fui ingrato.

Adeos. Esta lhe ha de ser entregue por C..., meu amigo, que parte para essa côrte. Adeos. — *Tiburcio.* »

Tiburcio acompanhou a carta com intervallo de alguns dias. Era um velho bonito, folgazão, opulento de carnes e de dinheiro.

Nem Tiburcio reconhecia Cecilia, nem Cecilia reconheceu Tiburcio. Tão mudados estavam!

Vierão as longas narrativas do que se houvera passado durante o longo espaço de tempo que se não virão.

É necessario dizer que Tiburcio, quando partira da côrte, amava Cecilia, sem que para amal-a se fundasse em nenhum sentimento reciproco.

Cecilia foi ao principio indifferente... por indifferença. Mais tarde é que veio o pacto angelico.

Tiburcio ouviu, com grande admiração, da boca de Cecilia a noticia de que ella nunca se houvera casado.

E de sua parte declarou que tambem se conservára solteiro, adiantando logo a razão d'isso, que era não poder levar familia para as trabalhosas emprezas a que se entregava.

Mas a respeito de Cecilia admirou-se muito. Não a deixára formosa e requestada? Não via ainda que essa belleza tarde desapareceu?

— Não quiz, respondia Cecilia.

— Mas porque?...

— Não sei... não quiz.

E, como sempre, Cecilia olhava amorosamente para o anel. Os olhos de Tiburcio acompanhárão os de Cecilia e pousárão na esmeralda que ella trazia no dedo.

— Ah! disse elle.

E a conversa passou a outros assumptos.

Insistirão todos em que Tiburcio referisse as suas viagens, as suas aventuras, os seus perigos, as suas fortunas.

— Fôra preciso um anno, disse Tiburcio.

Com effeito, Tiburcio tinha vivido uma vida accidentada. Lutas, perigos,

sustos, fortunas, alternativas de todo o genero, tudo matizava o fundo do quadro da existencia de Tiburcio.

Tiburcio adquirira parte de sua fortuna em algumas explorações de minas de ouro e de brilhantes.

Durante os dias que se seguirão ao da chegada d'elle em casa de Cecilia, a familia, os restos da familia, e os convivas habituaes, divertirão-se muito ouvindo as narrações de Tiburcio sobre os accidentes das explorações mineiras.

Quando se esgotou esse capitulo, Tiburcio referio que uma vez fôra agarado pelos bugres perto do rio Araguaya. Quando cahio nas mãos d'aquelles barbaros perdeu até a ultima gôta de sangue. Vio a morte diante dos olhos. Já os bugres se preparavão para almoçar aquelle bife, quando uma partida de soldados que andava á caça de um criminoso descobrio o facto e chegou a tempo de salvar Tiburcio dos estomagos indigenas.

Outros perigos corrêra o primo de Cecilia, como o de naufragar em torrentes de rios, encontrar-se com onças, e outros d'este genero.

O auditorio habitual de Tiburcio divertia-se muito com estas narrações, e elle por sua parte sabia referir os taes episodios dando-lhes as côres proprias de commover e interessar.

Tiburcio resolvêra ir morar com as duas parentas, e alli se installou immediatamente.

Todas as noites havia uma reunião de amigos para tomar chá, conversar e jogar.

Uma noite de chuva, em mez de Junho, debalde se esperarão os convivas. A chuva e o trio não consentirão que os respeitaveis anciãos deixassem os conchegos do iar, nem mesmo com a seducção das boas horas que se passava em casa de Cecilia.

Forão, pois, os tres parentes obrigados a se privarem n'aquella noite da companhia dos amigos.

Tomarão chá cedo e estavão fazendo horas á mesa até que viesse a hora habitual de se recolherem.

Travou-se a seguinte conversação:

— Ora, prima, disse Tiburcio, ainda não lhe contei os tormentos que sofri relativamente ao coração...

— Ah!

— É verdade. Lembrei-me muito de você.

— Deveras?

— É verdade. Não se lembra que eu mais de uma vez lhe confessei o amor que alimentava?

— Lembro-me, sim,

— Pois sahi da côrte com as mais dolorosas impressões. Via que ia para longe e perdia de vista a mulher que eu ainda nem conhecia de coração. Padei muito.

— Fallar n'isso agora não sei que me parece.

— Parece o que é, a verdade. Quiz matar-me...

— Que tolice!

— Foi o que eu pensei...

— Morria e eu ficava.

— Mas o que me agrada é ver que se eu não esqueci, tambem você não esqueceu.

— Não, de certo.

— Mas, de certo modo?

— Que modo?

— Gentes! disse a prima viuva. Vocês parecem namorados!

— Mas de que modo? como apaixonada?

— Sim.

— Que loucura!

— Pelo menos tenho uma prova.

— Vamos ver a prova, disse a viuva.

— A prova não está comigo.

— Está comigo? perguntou Cecilia.

— É verdade.

— Onde?

— Ahi, no dedo.

Cecilia olhou para o anel.

— No dedo! disse ella sem comprehender a que podia o primo alludir.

— Esse anel, disse o primo.

— Este anel? Que tem este anel?

— Ora, a final, disse a prima viuva, vamos saber o que significa este mysterioso anel.

Cecilia estava espantada sem comprehender.

Tiburcio continuou :

— Esse anel, sim. É meu. Ou por outrá, é seu hoje, mas foi meu, porque o encommendei.

— Mas explique-se.

— Nas vesperas de partir da côrte quiz deixar-lhe uma prova de que o meu amor era verdadeiro e seria eterno. Encommendei este anel, que o ourives promptificou com o maior cuidado e zelo. Tinha dous meios de dar-lh'o : ou introduzir-lh'o no dedo, francamente, com a declaração de que era uma lem-

brança minha que deixava, ou deposital-o no seu toucador para que, quando eu já estivesse fóra, aquella lembrança a sorprendesse.

— É romanesco, disse a viuva.

Cecilia nada disse. Tinha os olhos pregados em Tiburcio e procurava arrancar-lhe as palavras da boca.

Tiburcio proseguio :

— Preferi o segundo meio por me parecer, como diz a prima, romanesco. Mas, ao executal-o occorreu-me um terceiro meio. Era o de collocar o anel no seu dedo na hora em que dormisse, de modo que a surpresa fosse ainda maior.

— Ah! e...

Esta exclamação e esta conjuncção partirão da prima viuva. Cecilia tão absorta estava que nada podia dizer.

— Descansem, disse Tiburcio, eu fiz as cousas honestamente. Peitei a mu-cama para que alta noite, na occasião em que a prima dormisse depois da costumada leitura... Ah! você lia muito romance!

— Adiante!

— Para que alta noite se aproveitasse do somno em que você estivesse e lhe puzesse o anel. Assim foi. Vejo agora que conservou o anel. Mas, diga-me, a Theresa nunca lhe disse nada d'isto?

— Não, disse Cecilia distrahidamente.

— Pois foi assim. E se quer mais uma prova tire o anel... Nunca o tirou?

— Nunca.

— Pois tire o anel e veja se não estão gravadas pela parte interior as iniciaes do meu nome.

Cecilia hesitou entre a curiosidade de averiguar a asseveração de Tiburcio e um resto de crença que tinha nas palavras da visão.

— Tire o anel.

— Mas...

— Tire! Que receio é esse?

— Esperem, não tiro por uma razão. Eu não creio no que diz o primo Tiburcio.

— Porque?

— Não creio, mas creio em outra cousa.

— Essa agora!

— É verdade.

E Cecilia passou a referir aos dous parentes todas as circumstancias da visão, o dialogo que tivera com ella, a fé em que lhe ficarão as promessas do anjo das donzellas.

— Tal foi, acrescentou Cecilia, a razão por que me não casei. Tinha fé n'isto. Quanto a tirar o anel, disse-me a visão que nunca o fizesse.

Tiburcio deu uma gargalhada.

— Ora, prima, disse elle, pois você quer contestar uma verdade, com uma superstição. Ainda acredita em sonhos!

— Como, sonhos?

— É evidente. Isso da visão não passou de um sonho. Coincidio o sonho com o facto do anel. Mas você quando acordou no dia seguinte achou-se com um anel no dedo, não devia fazer outra cousa mais do que averiguar a razão do phenomeno, e não dar credito a uma cousa toda de imaginação.

Cecilia abanou a cabeça.

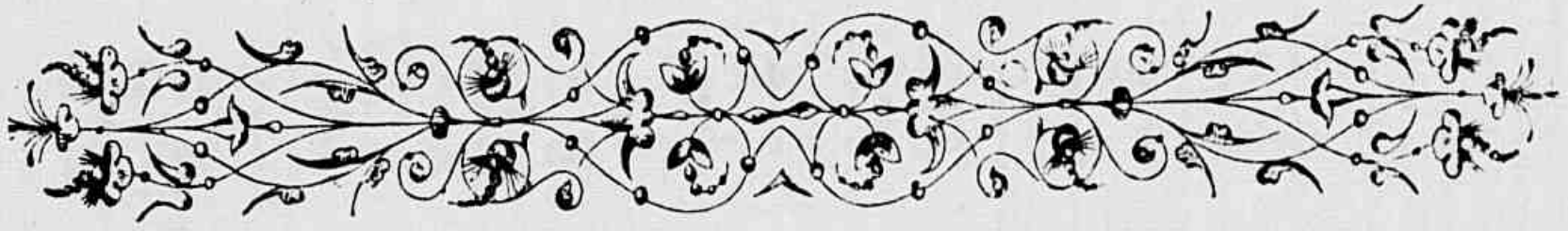
— Pois não crê? Tire o anel.

Cecilia hesitava. Mas Tiburcio usou da arma do ridiculo, no que foi acompanhado pela prima viuva, de modo que Cecilia, com alguma reluctancia, pallida e tremula, arrancou o anel do dedo.

O anel tinha na parte interna gravadas estas iniciaes : T. B.

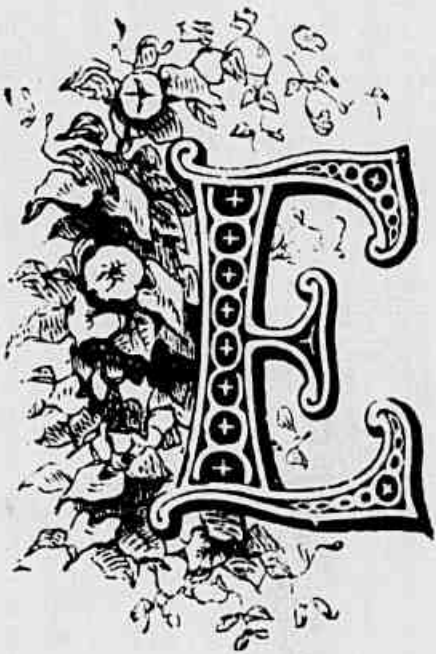
MAX.





VIAGENS

UM LEILÃO NA ROÇA



preciso, para quem estuda a physionomia do interior do paiz, não esquecer nenhum de seus traços caracteristicos. Foi com este pensamento que, achando-nos no rico e opulento municipio de Vassouras, fomos assistir, em companhia do Sr. barão de *** e alguns amigos, ao leilão de uma fazenda, casco e escravos, cujo dono tinha fallecido, deixando aos credores e aos herdeiros os despojos de sua propriedade.

O leilão de espolio é um acto triste e melancolico que traz á lembrança o doloroso espectaculo de um ceremonial funebre! Em um dia marcado, em poucas horas mesmo, a mão inflexivel do pregoeiro, executor da alta justiça commercial, destróe, aniquila, reduz a fragmentos dispersos a fortuna de um infeliz que tantos labores, tantas fadigas, tantas decepções e amarguras empenhou para fundar e estabelecer esse nucleo de trabalho, primeira garantia de seu futuro, e que o destino ou a fatalidade se encarregou de fazer desaparecer em um momento!

A propriedade é sem duvida a primeira base da vida e da actividade social. O proletario que trabalha dia a dia para manter sua subsistencia, e, depois de annos de fadiga improficua, se acha pobre e sem arrimo no mundo, e in-

utilizado pela velhice ou pela doença, e não encontra um canto onde espere resignado a hora inevitavel da morte no seio de sua familia que o estremece, deve sentir uma das mais profundas e amargas dôres que podem affligir o coração humano! A idéa de que o seu trabalho apenas servio para enriquecer e augmentar a fortuna alheia, enquanto elle não possui um só palmo de terra que legue a seus descendentes, é de certo um remorso pungente para as consciencias puras e severas dos homens a quem o scepticismo do seculo não roubou a ultima esperanza da vida immortal!

É esta a principal causa da natural tendencia que todo o homem tem para se tornar proprietario, e sobretudo os estrangeiros, que, sahindo de sua patria em procura de uma sorte mais prospera, desembarcão na America, e se estabelecem aqui, pedindo ás opulentas riquezas de seu solo abençoado a recompensa e generosa retribuição de suas improbas tarefas.

O trabalho, e sobretudo o trabalho agricola, deve ser fecundado pelo benefico influxo do direito da propriedade. Custa, porém, a crer como entre nós se tem ligado até hoje tão pouca importancia a assumpto de tanta transcendencia.

Como na maior parte de outras questões d'esta natureza, no Brasil apenas se tem assignalado as causas dos males que affligem e atrasão o desenvolvimento do nosso progresso, sem comtudo se procurar remedios efficazes para as debellar, e encaminhar a sociedade em uma senda de prosperidade mais real e menos ficticia que os processos empregados actualmente pela administração publica para dirigir o paiz.

Tendo quasi a mesma idade de existencia politica, e pondo de parte a questão da differença das raças, questão a que não ligamos toda a importancia que outros querem dar-lhe, por que motivo a emigração européa tem affluido com tanta precipitação e abundando para a parte septentrional da America, enquanto para o sul, se bem que jámais tenha sido numerosa, parece cada vez mais estacionaria ou nulla?

A resposta a esta interrogação não se deve procurar sómente nas garantias que offerece ao emigrante a constituição muito mais liberal da União Americana, mas sim, e muito principalmente, na facilidade com que alli se adquire a propriedade, e o homem por conseguinte se enraiza ao solo, tornando-se cidadão da republica como se tivesse nascido na America, e não deixasse o seu berço não importa em que recanto do mundo.

Os processos empregados na America do Norte para se auxiliar o estabelecimento do colono na sua nova patria de adopção são de tal natureza francos e convidativos, que, graças ao influxo de uma legislação sabia e previdente, o paiz e o cidadão começam logo a fruir dos beneficios relativos que

um proporciona, e o outro activa e realisa com o seu trabalho e persistencia tenaz.

A origem da propriedade rural é entre nós inteiramente outra.

O homem sem fortuna que, á custa de suas fadigas isoladas, pois não encontra na administração do paiz um só auxilio de qualquer natureza que seja, consegue fundar um estabelecimento agricola, visto que não tratamos aqui de outros ramos da industria, quando por ventura chega a realisa-lo, é á custa de onus tão vexatorios, de compromissos tão inflexiveis e pesados, que, por maior que seja o seu esforço em trabalhar, a actividade de sua intelligencia em crear recursos, a sua economia, a sua honradez e a sua probidade, difficilmente consegue vencer todos os obstaculos e sahir triumphante da luta, legando á sua familia uma base solida de sua existencia futura, e conseguindo para si, na idade da decadencia, um abrigo certo e seguro para o seu descanso e paz.

Sobre alicerces tão mal firmados, não admira o estado de ameaçadora ruina em que se acha actualmente, em quasi todo o imperio, a nossa industria agricola, tanto na grande como na pequena lavoura, e é facil conhecer n'este pungente quadro quaes são as causas que todos os dias levão a destruir-se em hasta publica os ultimos despojos da propriedade rural.

Fazendo estas reflexões, nos dirigiamos á fazenda indicada por nossos companheiros, onde iamos assistir sem duvida ao epilogo de um d'esses dramas dolorosos, cuja sorte era de certo devida a circumstancias analogas ás que acabamos de mencionar, e por esse motivo nos entristecia naturalmente o coração, e nos prevenia anticipadamente o espirito, inspirando-nos verdadeiro interesse.

A situação ou fazenda a que nos referimos ficava a pouca distancia da cidade de Vassouras. A casa estava pouco afastada da beira da estrada, e o lugar, como a propria cidade, era sombrio e triste, circumdado de morros, e enquadrado no verde-escuro dos matos proximos e dos extensos e longos cafezaes que bordão os terrenos d'aquelle opulento municipio.

Quando chegámos, era perto das onze horas da manhã, e muitas pessoas dos arredores já se achavão alli reunidas, sendo umas por curiosidade, como nós, porém a maior parte com o fim de fazer algum negocio lucrativo, e de tirar o melhor partido possivel da desgraça e infelicidade alheia em beneficio proprio. É esta uma inevitavel contingencia da fraqueza humana, e a consciencia tem forçosamente de recuar espavorida diante da logica inflexivel dos actos da vida pratica.

A casa da fazenda em leilão apresentava esse aspecto desolador de uma vivenda deshabitada, d'onde parece que com a ausencia ou a perda de seus

donos se ausentou a vida, o movimento, e até esse calor benéfico do lar, que perde immediatamente a morada em abandono, como todo o corpo d'onde se aparta o espirito, que é a força, a seiva e a luz da existencia.

A mobilia, em methodica desordem, não estava collocada, como em outro tempo, em lugares apropriados aos seus differentes usos, porém classificada, numerada, dividida em lotes, com essa regularidade monotona que exige a fiscalisação da lei, e imprime a todo este conjunto de objectos variados o character lugubre das formalidades de um cemiteiro.

A nenhum talvez dos que se achavão presentes impressionou tanto como a mim esta solidão glacial, que torna a morada do homem em uma sepultura; pois que todos passavão com indifferença por diante d'esses objectos, movidos apenas pela curiosidade que costuma despertar o interesse do favoravel ensejo de uma especulaçãõ mais ou menos vantajosa.

Não conheci os donos d'esta propriedade; mas soube que pertencêra a um homem-trabalhador, que lutou com esforço e dedicaçãõ contra os revezes da sorte, mas não pôde conseguir salvar-se da desgraça que imminente o ameaçava, senão encontrando na morte o descanso e o socego que na vida o infortunio lhe negou.

O respeito que havia merecido enquanto vivo terminou ao entrar no tumulo.

Os credores, como verdadeiras harpias, espedaçarão os restos d'aquella pequena colonia com essa insaciavel avidéz dos inconscientes usurarios, que, á semelhança dos urubús, devorão com delicioso prazer os restos do cadaver que a maldade dos homens lhes abandonou no rodeio da estrada.

Tudo respirava portanto alli solidão, abandono, tristeza!

Os escravos, formados em lotes segundo as idades e o genero de serviços que podião desempenhar, estavão collocados no terreiro, a um lado da casa, com as cabeças pendidas, as physionomias abatidas, ou consultando de quando em quando, com uma especie de curiosidade selvagem, os individuos que vinhão examinal-os e fazer-lhes mais ou menos repugnantes perguntas.

Os lotes da tropa, vigiados pelos campeiros, vagavão pela extensãõ do terreno, ruminando vagarosamente a relva do pastorejo, e como que harmonizados de tal modo com a melancolia do spectaculo, que dirieis que por uma mysteriosa intuiçãõ erão sabedores da catastrophe que os punha em almoeda.

Ha certos momentos em que a natureza se identifica com o homem, parecendo participar de suas dôres e identificar-se com os sentimentos que o affligem, dando-nos assim mais uma prova de que a presença da divindade se manifesta em todos os accidentes de nossa vida.

O escravo, o bruto e a materia inerte... eis as tres entidades que se nos offerecião em espectaculo, e fornecerião assumpto largo a quem quizesse philosophar sobre o papel que representão no trafego social d'este paiz.

Vamos, porém, ao leilão.

Os compradores erão em numero bastante avultado, e por conseguinte a batalha foi renhida e prolongada.

Primeiro vendeu-se o casco da fazenda.

A propriedade territorial está muito depreciada n'este tempo entre nós, não só pelas causas que acima allegámos, como porque a falta de capitães tem escasseado nos ultimos annos de uma maneira assombrosa.

Porém, como os credores o que querião era dinheiro, e dinheiro de prompto, a fazenda vendeu-se por todo o preço, e aquelle que dispunha de meios pecuniarios em maior abundancia ficou com ella. Era talvez um homem que já possuia muitas propriedades; mas desejava legar mais esta a seu genro deputado; e o conseguiu, enquanto muitos outros, que melhor partido podião tirar d'ella, e que não erão ainda ricos, ficarão dizendo :

— Que pena! Se eu pudesse compral-a, tinha a minha fortuna feita!

Quem sabe?

Depois do terreno, seguirão-se os escravos. Quiz-se primeiro vendêl-os de um só lance; porém não appareceu comprador para quantia tão elevada : serião uns oitenta.

Divididos em lotes, a extracção foi mais facil.

Em poucos momentos aquellas familias estavam todas dispersas, e com visiveis mostras de consternação fallavão uns com outros, despedindo-se talvez para nunca mais se tornarem a ver, e seguir em seu destino humilde e obscuro, sem que hoje saibão qual será o seu senhor de amanhã.

Só faltava o lote dos escravos estropiados, que pouco valor devião ter no mercado, e um negro velho, que estava fóra do lote, pois conservára-o seu dono como uma das testemunhas que havião assistido á fundação da fazenda.

O velho escravo despertou logo em quasi todas as pessoas presentes signaes de viva sympathia.

Já curvado pelos annos, coberto de cans, com physionomia grave, mas abatida, caminhou para o lugar que lhe fóra designado, e esperava resignado a hora em que passaria de um captiveiro conhecido para um captiveiro novo!

Que saudades não sentiria n'esse momento o desgraçado! De vez em quando as lagrimas affluião-lhe aos olhos, e elle as enxugava com as costas da mão callosa.

Pobre velho!... Alli lhe ficavão talvez quasi todas as lembranças mais fe-

lizes do seu passado, porque ainda mesmo entre os dias do captiveiro ha momentos de felicidade, quando o senhor, em vez de algoz, é um coração compadecido e humano!

O velho valia pouco! Os serviços passados não lhe davão direito de aposentadoria, e por isso só podia ser comprado pelas probabilidades do trabalho que ainda podia prestar.

Chegou o lance a 450,3000 réis!

O pregoeiro ia já bater o martello, e em poucos momentos o escravo seria de outro proprietario.

Houve um momento de anxiedade no auditorio.

O leiloeiro gritou :

— Quem mais lança?... Quem mais lança?... Senão, arremato!

— Quinhentos mil réis! disse uma voz.

— É seu! respondeu o leiloeiro batendo o martello.

— Está livre o escravo! exclamou a mesma voz da pessoa que tinha lançado por ultimo, desaparecendo do meio de todos que procuravão agradecer a sua generosidade.

O meu companheiro, o Exm. Sr. barão de ***, foi quem praticou esta generosa acção.

E retirámo-nos, porque não quiz assistir ao resto da venda.

ACHARD.





HISTORIA

BETHSABÉE

I



obre os descendentes de Jacob reinava triumphante o filho de Isai, David, o vencedor de Goliath, o escolhido do Senhor.

E todas as nações entoavão louvores á grandeza e á sabedoria do rei de Israel.

Guerra havião entretanto travado os Ammonitas, e Joab o valente fôra mandado para debellar as phalanges dos incircumcisos.

E combatendo pelo rei e pela patria, e bravo entre os bravos, se achava Urias o Hetheo.

Bella como essas estatuas semi-animadas que sahião do cinzel inspirado dos esculptores da Grecia, era Bethsabée, a mulher de Urias, que combatia pelo rei nas fileiras dos bravos.

Rasgados e negros os olhos, e ondeados e finos os cabellos que longos lhe cahião por sobre as espadoas de alabastro; esbelta como a fada etherea e vaporosa que agita os sonhos do poeta em noites não dormidas; nunca de mais

lindas fôrmas se revestira a belleza, nem traçára o pincel mais acabadas perfeições.

Vira-a o rei, e não sabendo resistir á impetuosidade effervescente da paixão que lhe agitava o peito, esquecido dos preceitos santos do legislador do Sinai, cerrou olhos e ouvidos á razão, e insano atirou-se no redemoinhar do crime.

.

Longe combatia o esposo pelo rei nas fileiras dos bravos, e no em tanto prestes a ser mãi estava Bethsabée.

II

E Joab o valente mandára um emissario ao rei, noticiando-lhe cousas da guerra.

Com alvoroço recebeu-o o monarcha :

— Bem vindo aquelle que vem, em nome de Joab, dar-me novas dos valentes de Israel.

E curvando o joelho, Urias o enviado apresenta a David a mensagem escripta de Joab.

Leu-a o rei, e nos labios semi-abertos lhe pairando sorriso de benevolencia, falla d'est'arte ao bravo combatente :

— Justo é que quem tão bem ha combatido descanse uma noite, no seio da esposa, de tão offegante lidar. Bem sei quão bem has merecido da patria; volta ao lar domestico, e aos primeiros albores da aurora regressarás para o campo.

E erguendo a voz o mensageiro, exclama :

— Sois bom como o Deos de nossos pais; mas não permitta o Senhor que, enquanto combatem meus irmãos no campo, vá eu fruir amor nos braços da esposa que me é tão cara. Volto ao exercito, e quando vencidos fugirem em debandada os Ammonitas ante nossos esquadrões, então a esposa; que primeiro está a patria.

Disse e partio.

III

E Bethsabée, com os cabellos soltos e os olhos afogados em pranto, chorava o crime que a fizera adultera.

Em breve terminaria a guerra, em breve voltaria Urias, e como aos olhos do esposo esconder as consequencias do crime?

E tambem sentia o rei o torturar do remorso.

Como esconder aos olhos do vassallo a falta do monarcha?

Custa muito o primeiro passo na estrada do crime; não está ainda affeito o coração; geme pungidora a consciencia, e as noites passa não dormidas o mesquinho que cahira.

Mas ao depois, para sanar ou occultar o primeiro crime, é mister commetter outro; vai então mais certa a mão; menos doloroso é o pungir da consciencia, e a alma calleja-se ao contacto de repetidas quédas.

E David escreveu a Joab:

— Põe a Urias na frente de um batalhão onde fôr mais rijo o combate, e desampara-o, para que não torne com vida.

Pouco depois, no campo da batalha, morria Urias a morte dos bravos.

No throno de Israel pôde então assentar-se a viuva do guerreiro.

IV

Folgava o rei... Folgava? Não; que, como o fantasma que se ergue em meio da noite, perseguia-o sempre a lembrança de Urias.

E ao ruido das festas, e ao tinir das taças, e ao estrepito da alegria dos convivas, alli estava sempre presente aquelle espectro terrivel, que lhe fazia parar nos labios o sorriso e assomar a pallidez ás faces.

É horrivel essa vida assim vivida, sem um momento sequer de tranquillidade e de paz, atormentado o misero pelo incessante pungir do remorso!

E quando, á noite, fatigado do lidar do dia, vai buscar allivio no somno, que paralyza as dôres, não o deixão dormir a voz da consciencia e a lembrança do crime commettido.

V

Com a frente erguida, bem que alquebrado o corpo pelo peso dos annos, entrou na sala do rei o velho Nathan, o propheta venerado de Israel.

Triste como um pensamento de dôr era a expressão de seu semblante. Bem se via que na alma lhe morava o soffrimento e a mágea.

— Ouvi, murmurou o velho, ouvi, ó rei, as queixas que por meus labios te vem fazer um de teus subditos.

« Cheguem a teus ouvidos minhas palavras, e faça o rei justiça ao attentado.

« Dous homens moravão vizinhos; rico era um, e bem pobre o outro.

« Rebanhos innumeraveis tinha o rico; mas o pobre possuia apenas uma ovelhinha.

« Uma só... e era a unica riqueza, a unica affeição de sua vida, o unico recurso de sua existencia.

« Comprára-a pequena; crescêra em sua casa juntamente com seus filhos; comia de seu bocado, bebia de sua taça, dormia em seu regaço, e como sua filha lhe queria.

« E o rico quiz dar um banquete a seus amigos.

« Não querendo tocar em uma só de suas ovelhas, tomou a ovelhinha do pobre, e mandou-a preparar para a mesa de seus convidados.

« Não é grande o seu crime?

« Não merece a morte?

— De certo, disse enfurecido o rei; e mostrar-lhe-hei que ha justiça em Israel. Mas dize-me o seu nome; quem é elle?

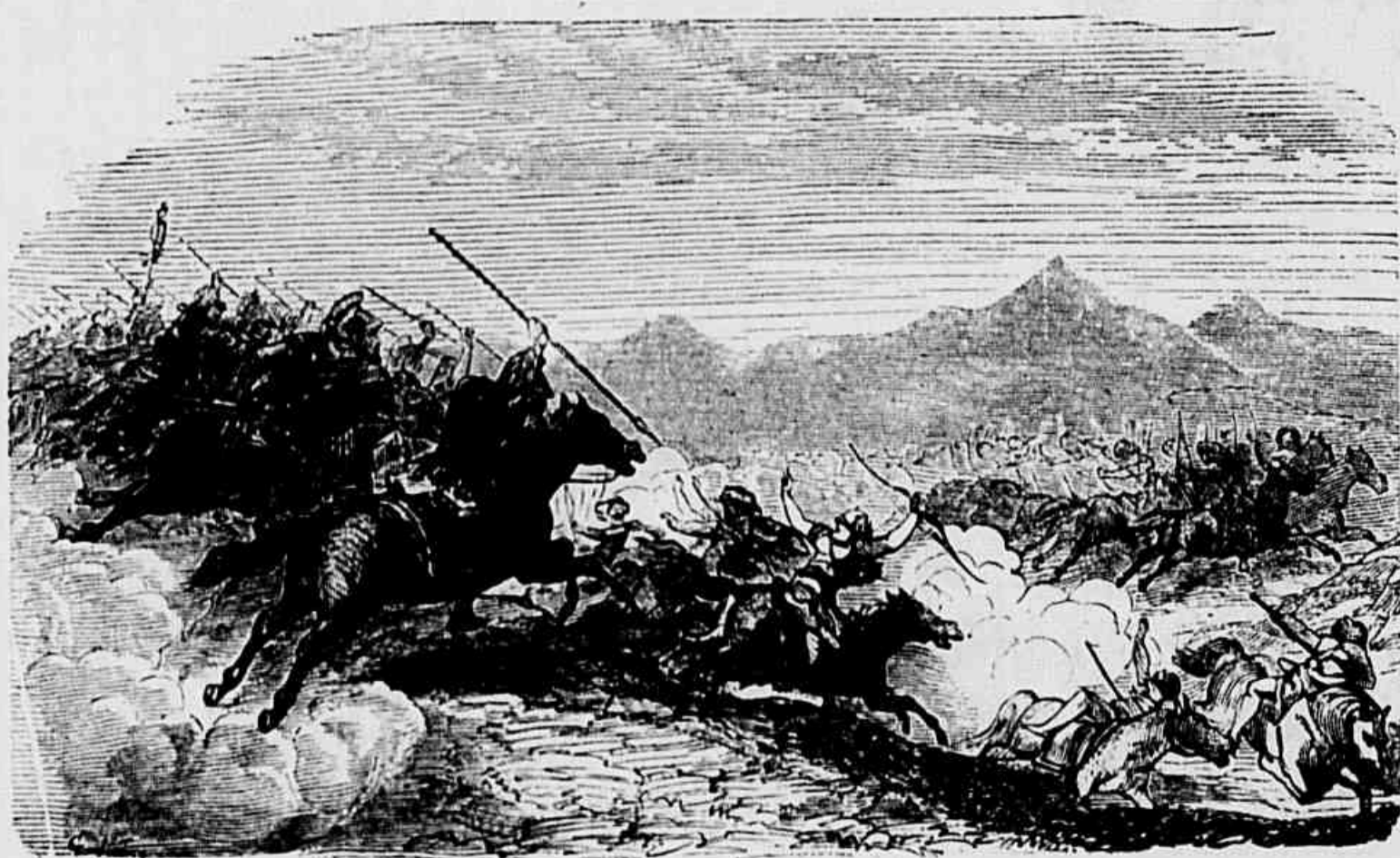
— És tu, principe, tu que roubaste a Urias a companheira de sua vida; tu que o fizeste matar pela espada dos Ammonitas, para occultares o crime!

— Ah! pequei! pequei contra o meu Deus e Senhor! disse o rei cahindo com a face em terra e rasgando os vestidos; pequei, miseravel que sou!... Mas perdão, que immenso é o meu arrependimento; perdão, porque daria todo o meu sangue para resgatar aquella vida que cego sacrifiquei!

Olhou-o o velho; e ao depois, estendendo sobre elle as mãos, em nome do Eterno, murmurárão-lhe os labios estas palavras:

— O Senhor perdoou o teu peccado; não morrerás.

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.





MOSAICO

RIO DE JANEIRO ANECDOTICO

**COLHEITA DE BONS DITOS, REPENTES FELIZES E PILHERIAS
MAIS OU MENOS CHISTOSAS**



Dous sujeitos parão em frente ao paço imperial da cidade.

— Que vergonha, diz um d'elles, o império diamantino não tem um palacio digno de seu imperador!

— Pois era facil, observa o outro, e era alargando o paço, e para isso só é necessario andar depressa.

— Como assim?

— Andando depressa alargar-se-hia o passo.

★ ★

Dous bachareis em direito parão na frente da *enorme* fachada do edificio da moeda.

— A casa da moeda, diz um d'elles, parece-se com o *misero cavallo lazarento* de Nicoláo Tolentino.

— Como! pois tem parecenças?

— Olá se tem!

Será eterna, a não morrer de fome!

* *

— O Brasil, diz um Brasileiro a um Inglez, não tem medo da Inglaterra; é um paiz grande, rico e forte.

— O' minha senhor, responde o Inglez, vossê está tendo muita razão. Brasil está tão forte, que, por mais que Brasileiro quer dar cabo d'elle com seu máo governmento, não tem podido!

* *

Representa-se *Um Baile de mascaras*, de Verdi, no theatro Lyrico.

Certo sujeito apresenta-se á fantasia e de mascara, querendo penetrar no salão.

A policia o detem.

— Então não posso entrar? diz elle. Pois não annunciárão um baile de mascaras?

* *

— O Brasil, nota um viajante estrangeiro, não tem um palacio para dignamente abrigar a familia imperial.

— É verdade, pondera um Brasileiro; somos ainda muito novos, e por isso apenas temos tido tempo de fazer alguns bons edificios, como o hospital da Misericordia, o hospicio dos alienados e a casa da moeda.

— Pois olhe, volta-lhe o estrangeiro, começárão pelos menos necessarios. Um hospital n'uma terra saudavel, um hospicio de doudos onde todos se crêm com muito juizo, e uma casa de moeda onde só ha papel, são cousãs que se podião adiar.

* *

Os irmãos Lees, distinctos acrobatas americanos, deixavão boquiabertos com as suas representações os espectadores do theatro Lyrico.

Uma senhora pergunta a seu filhinho se acha bonito aquellas intrepidas habilidades.

— Ah! mamãi, observa a criança, elles fazem aquillo tudo porque a mãi não rallhou com elles quando fazião travessuras.

* *

Representou-se no theatro Lyrico a opera nacional *A Noite do Castello*, pessimamente executada.

Ao acabar a representação, certo espectador manifesta o seu pezar por não ter havido pateada.

— Como queria que houvesse pateada, pondera-lhe um amigo, se os espectadores que vierão dispostos a isso adormecêrão com a cantilena?

★ ★

Dous litteratos se encontrão na rua do Ouvidor.

— Não sabes, diz um d'elles, Fulano de tal acaba de ser condecorado por ter publicado uma obrazinha de nada, quando outros que têm feito mais ahi licão no esquecimento.

— Pois o governo, responde o outro, faz muito bem em animar os que fazem pouco; quanto aos que já têm feito, não necessitão de animação.

★ ★

Um moço trava do braço de um ancião e vai de passeio pela cidade a dentro.

Aqui e alli encontra o moço muitos conhecidos que o comprimentão.

— O senhor, nota o velho, conhece muita gente.

— Ah! volta o moço, conheço meio mundo.

— Pois se eu fosse o senhor, reflecte o velho, acabava de estudar geographia.

— E para que?

— Para conhecer a outra metade do mundo e ter todo o conhecimento do globo.

★ ★

Ha n'uma repartição da còrte dous empregados, com suas diversas especialidades.

Um não falla senão em parasitas.

Outro não trata senão de cousas indecentes e asquerosas.

— São celebres estes senhores, diz o chefe da repartição; um só cuida de flôres e outro de estrumes!

★ ★

Um proprietario que construia uma casa em cima da serra fazia transportar a cal ás costas de bestas.

Um dia um dos animaes ficou derriado no caminho com a formidavel carga.

— O'lá, rapaz, grita um transeunte para o conductor das mulas, diz ao teu senhor que dê menos cal e mais milho a suas bestas.

* *

Certo empregado leva horas e horas no seu toucador a apurar as unhas e a final perde a conducção que o devia levar da sua casa da roça para a cidade.

— Oh diabo, exclama elle, atrasei-me por causa das unhas!

— Pois é, accrescenta a mulher, por causa d'ellas que muitos se têm adiantado!

* *

— O que é medicina? pergunta um delegado de policia a um curandeiro.

— É a mulher do medico, responde elle muito fresco.

JUNOR ACHIMBERT.

O TOUCADOR

RECEITAS DE COSMETICOS E REMEDIOS PARA A CONSERVAÇÃO DA MOCIDADE E SAUDE

Uma das melhores emulsões para a conservação e nitidez da tez, pois que evita o apparecimento de borbulhas, espinhas, cravos, etc., é a seguinte preparação, que se usa á noite, ao deitar-se, untando-se com ella a face e mais partes do corpo sujeitas a essas enfermidades:

Tomão-se partes iguaes de spermacete e oleo de amendoas doces e levão-se a fogo brando para que se derretendo se misturem, e depois deixa-se esfriar tudo.

Aromatisa-se então com essencia de rosas ou de outra qualquer flôr balsâmica, e tem-se assim economicamente o tão afamado *cold-cream*.

Para nitidez da pelle e sua conservação vigorosa, e até para evitar constipações, deve-se usar de banhos frios, e, depois de enxuto o corpo, esfregar o

mesmo com uma esponja embebida na seguinte preparação innocente, agradável e muito economica :

Põe-se n'uma garrafa de aguardente uns pedacinhos de camphora, e agita-se a garrafa até a dissolução da camphora. Logo que a aguardente perde o cheiro que tem deixa-se de pôr camphora, tendo todo o cuidado de que não fique com cheiro da camphora, mas sim neutralizado um pelo outro.

Junta-se-lhe então uma porçãozinha de beijoim, que lhe dá um odor delicioso, e fica uma das mais bellas preparações para o toucador.

Como os banhos frios, tanto de agua doce como os de mar, fazem nascer borbulhas, pustulas, espinhas, etc., que incommodão, além de afeiarem a pelle, é necessario fazer uso do seguinte medicamento, que se toma pela manhã em jejum :

Partes iguaes de flôr de enxofre e de magnesia, de modo que cada papeliinho venha a conter 50 centigrammas, que é uma dóse para cada dia.

Durante o dia faz-se uso de bebidas refrigerantes.

São os *sabonetes de polvilho* os que melhor convêm ao nosso clima, e servem á maravilha para a limpeza do corpo e das mãos, tanto em banhos frios como mornos.

Preparão-se com a maior facilidade.

Toma-se uma porção de agua n'uma vasilha de folha de Flandres e deita-se n'ella, cortado em pedacinhos, uma quantidade sufficiente de sabão branco hespanhol, e leva-se ao fogo para que se derreta.

Logo que se consegue isso espremem-se alguns limões sobre o sabão, mexe-se tudo e tira-se do fogo para que esfrie algum tanto.

Estando a ponto de querer coalhar, deita-se-lhe polvilho em quantidade sufficiente, tendo-se o cuidado de se mexer sempre, e logo que tudo se torna em massa se fazem bolas que se arredondão nas palmas da mão, envolvendo-se as mesmas de quando em quando em polvilho, e deixando-se depois seccar ao ar.

Algumas horas depois envolvem-se em papel fino, e guardão-se n'uma caixa de mistura com alfazema, para que fiquem ligeiramente aromatisadas.

Não ficão elegantes, mas são excellentes para a frescura e asseio da pelle e branqueamento da tez, e é quanto basta para que se prefirão aos sabonetes estrangeiros e de elevados preços.



POESIA

QUEM ÉS TU?

Ah! quel que soit ton nom, ton destin, ta patrie,
O fille de la terre ou du divin séjour,
Ah! laisse-moi toute ma vie
T'offrir mon culte ou mon amour!

DE LAMARTINE.

Quem és tu, tão bella e pura,
Talisman de formosura,
Que prendes meu coração?
Linda flôr dos meus amores,
Quem te deu tantos primores?
Quem te deu esse condão?

Mulher não és; que da terra
Não póde ser quem encerra
Tanta belleza e magia;
Quem me faz tudo esquecer,
E em doce illusão viver,
Sonhando de noite e dia!

São tuas fórmãs tão magas,
Tão duvidosas, tão vagas,
Qual vaporosa visão!...
És uma huri encantada...

Um sylpho... um sonho... uma fada...
Uma sombra... uma illusão!...

Mas não... Eu vejo teus olhos,
Lançando settas a molhos,
Em doce brilho a nadarem;
Tuas tranças graciosas
Em frocos d'ouro, amorosas,
Teu niveo seio occultarem.

Mas porque me não respondes,
E o rosto, medrosa, escondes,
Quando te chamo meu bem?
Quem te deu tanta magia
Por ventura não daria
Sensível peito também?...

Lá no céo d'onde baixaste
Nunca os anjos apertaste
N'um terno abraço amoroso?
Nunca sentiste, innocente,
De um beijo o odor rescendente
Banhar teu rosto formoso?

Não te creio! Como a aragem
Vai perfumosa á folhagem
Seus amores segredar;
Como o sol vem c'um lampejo,
Qual casto, tímido beijo,
Cheiroso lirio afagar;

Como a prece fervorosa
Se esvai dos labios de rosa
Da donzella e sobe ao céo;
Assim os anjos te adorão,
Assim elles enamorão
As graças do rosto teu.

Talisman de formosura,
De teus irmãos a ternura
Aprende, aprende a imitar;
Assenta mal o rigor

N'um anjo... Deixa o pudor...
Dá-me compassivo olhar!

Dá-me um magico sorriso,
Que me roube todo o siso,
Me faça morrer d'amor!...
Dá-me teus sonhos dourados,
Teus segredos, teus agrados,
Lindo archanjo do Senhor!

Mas se este mundo aborreces,
Se n'elle um ser não conheces
A quem dês teu coração;
Se a terra não tem odores,
Se são cardos suas flôres,
Esta vida uma illusão...

Ai! ao menos, por piedade,
Com tamanha crueldade
Não me fulmines assim!...
Falla... oh! dá-me uma esperança,
Dá-me em teus olhos bonança,
Dá-me uma illusão sem fim.

EUSTAQUIO PINTO DA COSTA.





MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Primeiro toilette. — Vestido de *linos* côr de trigo maduro. Corpinho chato, afogado, com tres tirinhas apartadas uma da outra por trás e duas por diante; guarnição de passamanaria com pequenas bolas de lã. Em baixo da saia, grosso torçal voltando para cima em fôrma de argolas em toda a roda; fantasia de passamanaria com bolas no interior de cada argolinha.

Chapéu fôrma Maria-Rosa guarnecido de guisos de palha, velludo e comprida pluma branca.

Segundo toilette. — Menina de cinco para seis annos. Vestido e paletó de acolchoado branco recortado com pontas bordadas com galão de seda encarnado e botões iguaes. Saia de pôr por baixo com folho encanudado e recortado.

Chapéu redondo de palha de Italia guarnecido de velludo preto, com cocar de penna de pavão e pluma frisada branca e verde.

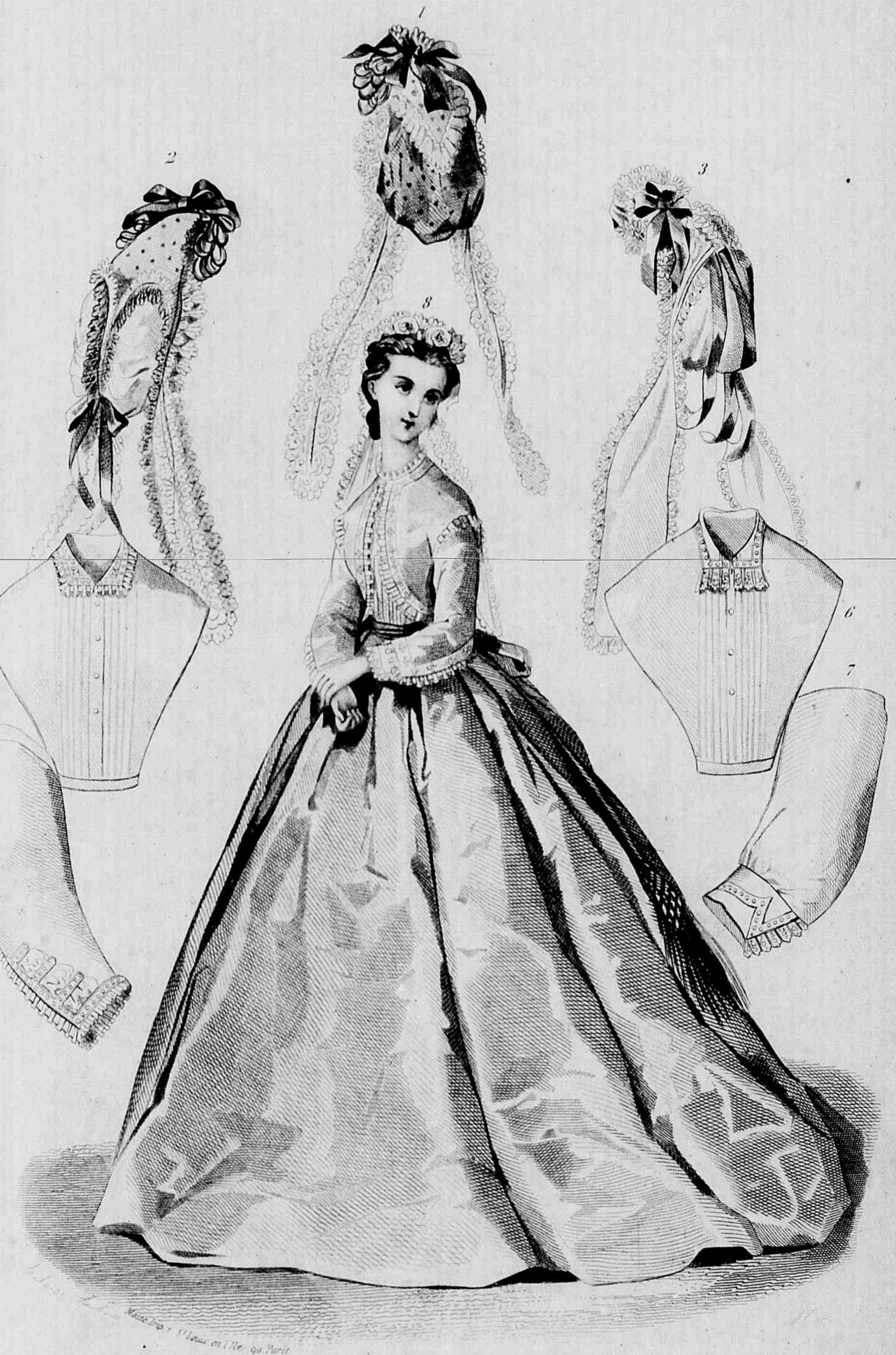
Terceiro toilette. — Vestido de alpaca ingleza cinzento perola. O feitio do corpinho visto por trás é o mesmo que o do primeiro vestido. Só varia a guarnição; compõe-se esta de fitas de velludo preto orlado de branco. Resilha invisivel com laço de renda preta.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA DE ROUPA BRANCA.

Nº 1. — Touca com fundo molle de filó branco bordado, renda branca franzida fingindo meia touca no fundo; laço de fita côr de rosa e velludo preto estreito formando diadema na frente.

Nº 2. — Touca com fundo de cassa branca formando *bouillonnés* separados por uma guarnição de fofos de renda preta e branca; meia touca de filó branco bordado de preto; barbas guarnecidas de renda.

Nº 3. — Touca de cassa enfeitada com fitas formando tres tiras sobre o fundo com pontas cahindo no pescoço. Barbas de cassa. Guarnições de fofos de renda brancas.



JORNAL DAS FAMILIAS

Outubro de 1864



et M^{me} Emma Chirry *Montigny r. St Louis en l'Île, 40, Paris*

JORNAL DAS FAMILIAS

Outubro de 1864

N^{os} 4 e 5. — Collarinho á marinheiro de panno de linho bordado, guarnecido de *valenciennes*, e manga igual.

N^o 6. — Collarinho de panno de linho com entremeio bordado e cantos guarnecidos de renda.

N^o 7. — Manga meio larga, com punho bordado com guarnição de renda sobre o lado.

N^o 8. — Casaquinha hespanhola de cassa, rodeada com dupla guarnição recortada e bordada; camisola de pregas. Saia de tafetá e cinto atado atrás com abas compridas guarnecidas com franjado.

TRABALHOS

CHINELA BORDADA SOBRE PANNO. N^{os} 4 E 5.

Esta chinela é de novissimo genero, e não é difficil de reproduzir. Toma-se um pedaço de panno fino ou de cachemira cinzento ou arruiviscado para o fundo, depois recorta-se um pedaço de tafetá de lindo azul para o meio do peito do pé. Sobre este pedaço de tafetá deve-se tornar a traçar os quadradinhos indicados no modelo. Recorta-se cada quadradinho no tafetá, o que deixa ver o fundo cinzento por baixo, e borda-se o mesmo todo ao redor com cordãozinho muito unido, quer preto, quer côr de ouro, conforme o gosto. As linhas transversaes são reproduzidas com trancelim ou todo de seda muito estreito preto ou côr de ouro. A beira do tafetá é coberta toda em roda com uma pequena *mignardise* de seda *napolitana* igual á côr do fundo. A mesma *mignardise* forma a moldura exterior.

O n^o 5 representa a metade do talão da chinela; executa-se da mesma maneira que o peito do pé.

DESENHO DE PONTO DE MEIA PARA CORTINAS DE JANELLA. N^o 17.

Arma-se um numero de malhas divisivel por 4 sobre uma só agulha e fazem-se 2 rodas ao direito.

5^a Roda. — 2 simples *, 1 lançada, 1 apertada; repete-se desde * e finalisa-se com 2 simples.

4^a Roda. — Tudo ao direito.

5^a Roda. — 2 simples, todas as outras ao avesso, á excepção das 2 ultimas, que devem ser simples ao direito.

6^a Roda. — 2 simples, 1 lançada, 1 apertada cirzida. Repete-se sempre o mesmo, fazendo as 2 ultimas simples.

7^a Roda. — Do mesmo modo que a precedente, trabalhando porém ao avesso.

Repetem-se estas duas ultimas rodas até completar ao todo 13 rodas.

14ª Roda. — Ao direito, 4 simples *, 1 lançada, 1 apertada cirzida, 2 simples Repete-se desde *.

15ª Roda. — Igual á precedente, porém ao avesso.

Repetem-se estas duas ultimas rodas até completar ao todo 21. Depois torna-se a começar desde a 6ª roda até preencher o comprimento necessário. Conclue-se com uma roda simples, um roda aberta igual á 5ª, porém trabalhando ao avesso, e ainda uma simples. Costuma-se collocar estas cortinas nas janellas com varas de ferro ou de latão dourado, e as ordens abertas em cima e em baixo servem para metter essas varas.

Póde-se acrescentar a seguinte guarnição, de *crochet*, na beira da cortina :

1ª Roda. — 4 *barrettes*, passão-se 7 malhas de ponto de meia, 9 m. no ar.

2ª Roda. — Em cada escama de 9 m. no ar, faz-se 1 m. dobrada, depois 6 vezes seguidas 5 m. no ar, 1 *barrette*, e depois d'isto ainda 5 m. no ar entre cada escama.

3ª Roda. — Faz-se 1 malha dobrada no centro de cada *chainette* de 5 malhas, 5 m. *chainette*, depois 1 *barrette* no centro de cada *chainette* de 5 m., 4 m. no ar entre cada *barrette*, e do mesmo modo para cada escama.

O ponto de meia d'essas cortinas tambem é mui lindo para bolsa comprida.

SACCO PARA COSTURAS. N.º 24 DO RETRO E 15 DO VERSO.

O fundo d'este sacco compõe-se de um pedaço quadrado de talagarsa brasileira, cuja quarta parte acha-se representada de tamanho natural no n.º 15 do verso. A' roda da beira põe-se uma trança de palha segura sómente com pontos *lancés* de seda encarnada; o resto do trabalho compõe-se de uma fantasia de palha disposta em linhas dentadas e segura com pontos *lancés* de seda preta; entre essas palhas bordão-se os ramiños em ponto *lancé* de seda encarnada. O quadrado da talagarsa assim bordado é cercado por uma guarnição de fofos de fita encarnada e forrada com panninho. Prepara-se depois um sacco de tafetá fechado em cima com uma enfiadura; segura-se o fundo d'este sacco no quadrado de talagarsa levantando os cantos d'este, que se prega no sacco com alguns pontos. O n.º 24 mostra o todo d'este sacco, cuja fórma é tão commoda quão exquisita.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

N.º 1. — *Agostinha*. Nome para canto de lenço; cordãozinho dobrado e grãos em realce.

N.º 2. — *A. D.* Iniciaes gothicas. Cordãozinho e grãos.

N.º 3. — *Sidonia*. Nome para canto de lenço; ponto *d'armes* e ponto de relevo.

N.ºs 4 e 5. — Chinela. (*Vide os trabalhos.*)

N.º 6. — Guarnição para vestido de acolchoado, cassa ou *nanzouk*, cercando a saia em baixo e voltando para cima na frente. Ponto russo e cordãozinho ou ponto de *chainette*.

N.º 7. — *Clara*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo.

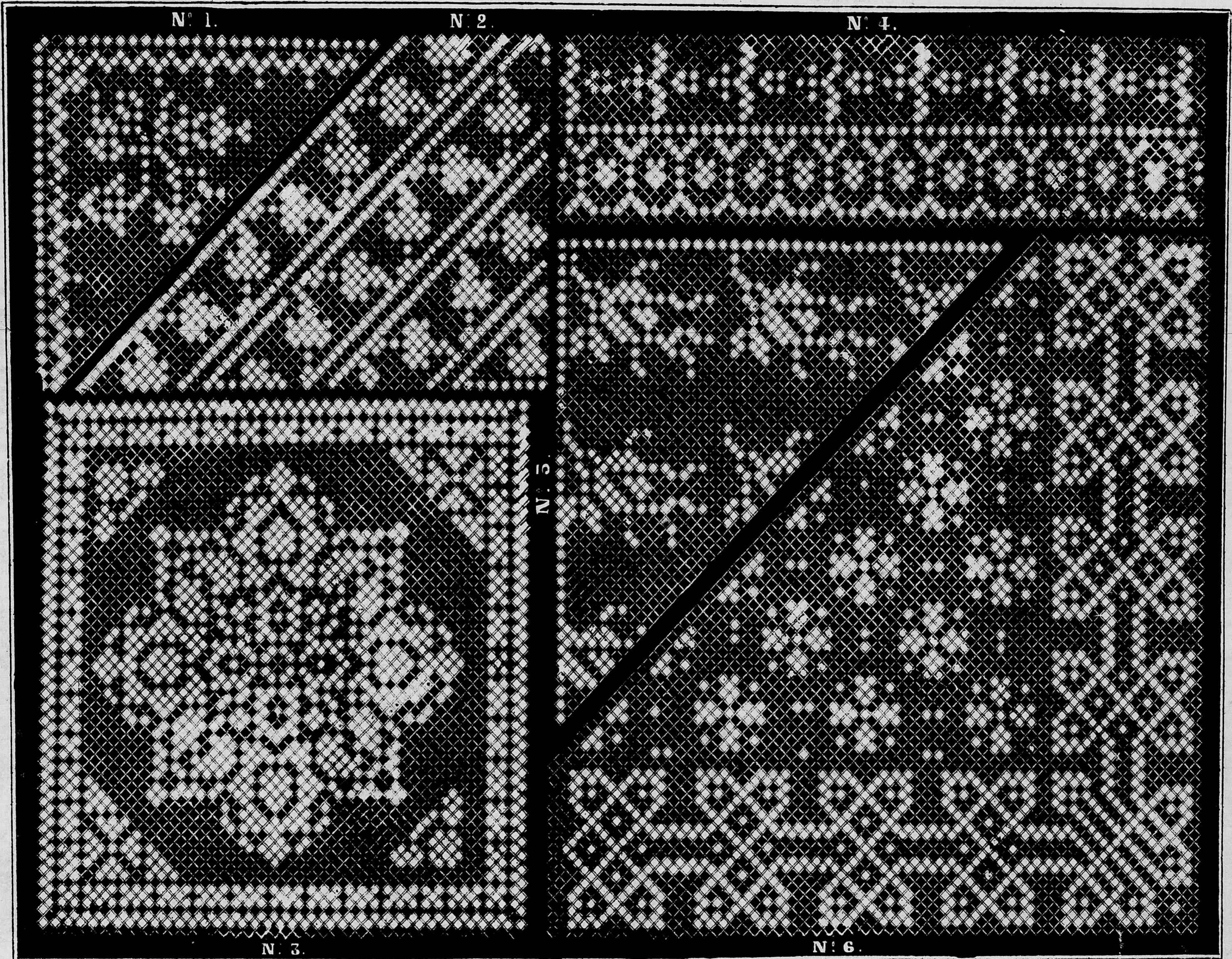
N.º 8. — Guarnição recortada, com amendoas dobradas. Ponto de relevo.

N.º 9. — *Luiza*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e ponto *de poste*.

N.º 10. — Collarinho á marinheiro de panno de linho dobrado pespontado, com bordado em ponto de relevo.

N.º 11. — Punho irmanado com o collarinho n.º 10, fórma nova com tirinhas guarnecidas de casas para botões duplos.

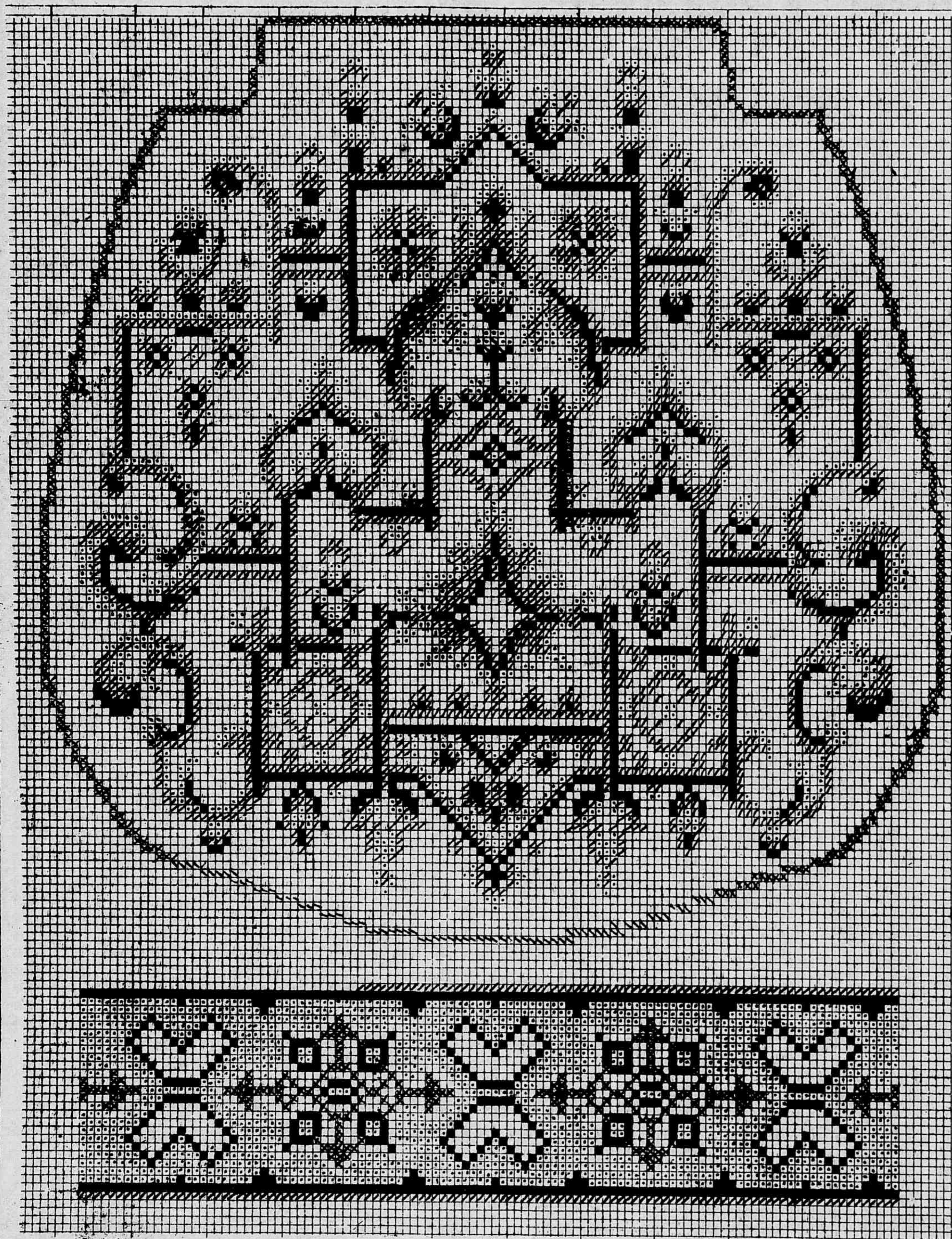
N.º 12. — *Sophia*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e ponto *d'armes*.



LISTA DAS CÔRES DO Nº 1.

- Cinzento. ■ Cinzento mais escuro □ Cinzento mais claro.
□ Encarnado.

Nº 1.



Nº 2.

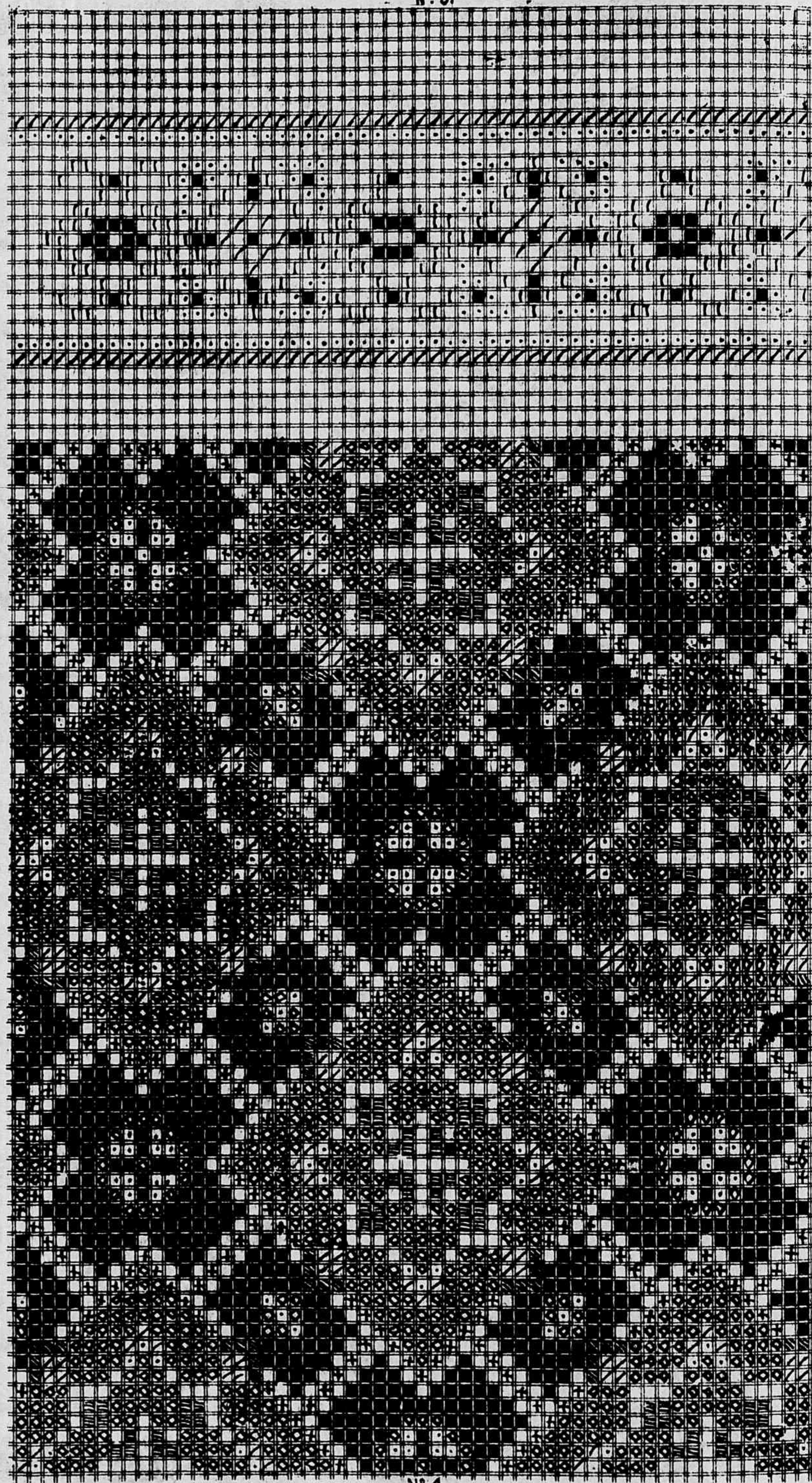
LISTA DAS CÔRES DO Nº 2.

- Amarello □ Côr de ouro. ■ Azul.

LISTA DAS CÔRES DO Nº 3.

- Côr de ouro. □ Côr de couro claro. ■ Côr de couro escuro. □ Azul.

Nº 3.



Nº 4.

- LISTA DAS CÔRES DO Nº 4. ■ Rôxo. ■ Encarnado escuro. □ Encarnado claro.
□ Branco □ Côr de ouro. □ Cinzento claro. ■ Cinzento escuro. ■ Verde cravo.

- Nº 15. — *J. B. V.* Iniciaes. Ponto de relevo e ponto *de rose* com ilhós.
 Nºs 14 e 15. — Collarinho e punhos com bordado em ponto russo.
 Nº 16. — Guarnição. Ponto de relevo com escamas de recôrte ponto *de rose*.
 Nº 17. — Ponto de meia para cortinas de janella. (*Vide os trabalhos.*)
 Nº 18. — Guarnição recortada.
 Nºs 19 e 20. — *Helena, Suzana.* Nomes para canto de lenço. Ponto de relevo com *pointillé* de côr e cordãozinho.
 Nº 21. — Escudo para canto de lenço. Ponto de relevo.
 Nº 22. — Quarta parte de um lenço. Bainha aberta (*à jour*), grinalda em ponto de relevo entremeiado de ilhós abertos.
 Nº 23. — Desenho de trancelim para vestimentas de crianças.
 Nº 24. — Sacco para costuras. (*Vide os trabalhos.*)
 Nº 25. — Guarnição recortada.
 Nº 26. — Guarnição bordada em ponto de relevo e ponto *d'armes*; recôrte ponto *de rose*.
 Nº 27. — Entremeio em ponto de relevo e bordado inglez entremeiado de trancelim.
 Nº 28. — Entremeio bordado em ponto de recôrte.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde de casaquinha meio arqueada, fechada pela frente. — Esta casaquinha pôde-se fazer de panno leve, tafetá, alpaca ou acolchoado. Consta o nosso molde de cinco partes que será facil reunir segundo as letras indicão. Nº 1, frente da casaquinha; nº 2, metade das costas; nº 3, pequeno lado das costas; nº 4, pequeno lado da frente; nº 5, metade da manga.

Nº 6. — Pequeno borzeguim de criança, de acolchoado branco, bordado com trancelim.

Nº 7. — Peito do pé do borzeguim.

Nº 8. — Talão.

Nº 9. — Sola.

Estas differentes partes, depois de bordadas, debruadas e forradas com leve flanela, são reunidas como o indica o molde. O borzeguim abotoa-se no lado do peito do pé.

Nºs 10, 11 e 12. — *D. M., J. F. e G. B. V.* Iniciaes para marcar a roupa.

Nº 13. — Guarnição recortada.

Nº 14. — *A. G.* Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 15. — Miudezas do sacco para costuras. (*Vide os trabalhos.*)

Nºs 16 e 17. — *Agatha e Rachel.* Nomes para canto de lenço. Ponto de relevo.

Nº 18. — *B. C.* Iniciaes entrelaçadas. Cordãozinho, ponto de relevo e ponto *de poste*.

Nº 19. — *F. B.* Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 20. — *Affonsina.* Nome para canto de lenço. Ponto de relevo.

Nº 21. — Guarnição de passamanaria com contas de azeviche.

Nº 22. — Iniciaes. Ponto *de rose*.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE FILET BORDADO.

Estes diversos modelos são para se bordarem em ponto *de reprise* com linha chata sobre um fundo de *filet* atravessado. Este fundo é mais forte e mais bonito quando se faz, mas pôde-se tambem achal-o já prompto, feito por machina.

Nº 1. — Desenho de canto, com pequena cercadura, para capa de poltrona, para cobrir almofada, etc. Servirá este desenho de moldura aos differentes fundos que damos.

Nº 2. — Desenho para cortinados ou colcha.

Nº 3. — Conforme a grossura da fôrma empregada, póde servir este modelo para cobrir uma almofadinha, ou para capa de poltrona ou de almofada. Poderá tambem servir para véo de cruz ou para a parte superior de pala de calix.

Nº 4. — Renda para guarnecer cortinados, colchas ou capas de poltronas.

Nº 5. — Fundo de botões de rosas para cortinas de janella.

Nº 6. — Cercadura e fundo para colchas. Póde-se acrescentar-lhe a renda nº 5.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA DE TAPEÇARIA, NO VERSO DA ESTAMPA
DE FILET BORDADO.

Nº 1. — Assento da cadeira cujo encosto demos no numero do mez passado.

Nº 2. — Esta cercadura póde servir para varios misteres caso a armação da cadeira o exija; póde-se lh'a acrescentar reproduzindo-a com as mesmas côres. Póde tambem servir para guarnição de tamborete. Emfim, em ponto *double-croix* formará ella lindas tiras para guarnecer cortinados e reposteiros de *reps* ou de velludo.

Nº 3. — Esta tira, de um trabalho mui simples, póde ser empregada para os mesmos misteres que as precedentes.

Nº 4. — Desenho regular para almofada, tamborete, *pouf*, descida de cama, e para cobrir caixas e outros objectos.

